

A Inclusão da Mulher no Mercado de Trabalho via Grupo de Artesanato: o Caso de Guaporema e Sarandi

Carolina Casella Galli¹
Diogo de Souza Ferreira²
Fernanda Gozzi Pereira Lima³
Luís Felipe de Oliveira Paschoal⁴
Murilo da Costa Scrivanti⁵
Rafael Montanari Durlo⁶

Universidade Estadual de Maringá

5- RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

RESUMO

O texto examina dentro do campo artesanal como é possível a mulher ingressar no mercado de trabalho e gerar uma renda extra no seu domicílio. Visa analisar os aspectos sócios econômicos dos municípios de Sarandi – PR e Guaporema – PR, e distinguir a diferença do mercado consumidor nestas duas cidades. O artigo descreve os princípios de economia solidária para então tornar possível a abertura de uma cooperativa em cada uma destas cidades, e através da formação destas cooperativas organizarem uma rede de economia solidária, cujo objetivo é interagi-las no mercado.

Palavras Chave: artesanato; economia solidária; redes econômicas solidárias; mulher.

Introdução

No presente texto foram analisados alguns aspectos da cultura artesanal e de como ela ajudou a mulher ingressar no mercado de trabalho,

¹ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiária do Núcleo Local Incubadora/UEM.

² Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiário do Núcleo Local Incubadora/UEM.

³ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiária do Núcleo Local Incubadora/UEM.

⁴ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiário do Núcleo Local Incubadora/UEM.

⁵ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiário do Núcleo Local Incubadora/UEM.

⁶ Graduando do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá; estagiário do Núcleo Local Incubadora/UEM.

principalmente mulheres situadas nos municípios de Guaporema – PR e Sarandi – PR. Um dos intuitos é compreender como a economia solidária pode auxiliar estas mulheres a montarem um posto de comercialização, para que estas possam contribuir na sua renda domiciliar.

Foi realizada uma pesquisa nos municípios citados para diagnosticar a aceitação dos produtos artesanais no mercado, se o produto de cada cooperativa será aceito pela população, ou então caso não seja aceito quais as mudanças deveriam ocorrer para o produto ser aceito. Buscou-se realizar a pesquisa em lugares públicos com a intenção de assegurar para estas mulheres a aprovação dos artesanatos no mercado.

Analizou-se também a formação de uma rede econômica solidária entre as duas cooperativas dos municípios citados. Esta rede tem como objetivo a ajuda mútua entre as cooperadas, uma identificando para a outra o que é mais concebido em sua cooperativa, e assim criar maneiras de obter um custo menor na produção, aprendizado de novos tipos de artesanato e até mesmo compreender porque um produto é aceito em uma determinada cidade e em outra não.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária foi inventada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão desregulamentada das máquinas-ferramenta e do motor a vapor, no início do século XIX. As cooperativas eram tentativas por parte de trabalhadores de recuperar trabalho e autonomia econômica, aproveitando as novas forças produtivas. Sua estruturação obedecia aos valores básicos do movimento operário de igualdade e democracia, sintetizados na ideologia do socialismo. A primeira grande vaga do cooperativismo de produção foi contemporânea, na Grã Bretanha, da expansão dos sindicatos e da luta pelo sufrágio universal. (Paul Singer, Economia Solidária volume 2).

As primeiras cooperativas de economia solidária surgiram no decorrer da Revolução Industrial, com características socialistas. Ou seja, nos seus princípios não há distinção entre a propriedade e o capital, ou seja, todos são proprietários iguais do empreendimento.

A Economia Solidária concentra-se na valorização do ser humano em todos os aspectos econômicos: produção, consumo e distribuição da riqueza, excluindo o capital como centro das relações comerciais, possuindo como bases o associativismo e o cooperativismo. É uma reação contemporânea, acredita na ação coletiva como uma possibilidade para os atores sociais, os quais em sua grande maioria se encontram excluídos do consumo e do mercado de trabalho formal. Neste ambiente, a concorrência é substituída pela solidariedade, e a divisão do trabalho é formada sobre compartilhar das responsabilidades e ganhos de maneira igualitária.

As empresas solidárias geralmente são administradas por uma sociedade, aonde os sócios são eleitos democraticamente por todos os membros da empresa, se pautam pelas diretrizes aprovadas em assembleias gerais ou em conselhos de delegados eleitos, no caso de uma grande empresa.

A Economia Solidária abrange várias dimensões, como a social, a econômica, a política, a ecológica e a cultural. Não se restringe apenas em uma visão econômica de geração de trabalho e renda, forma também uma projeção no espaço público, ao buscar a construção de um ambiente justo e sustentável.

Seu crescimento ocorre em função das crises sociais que a competição capitalista cria periodicamente em cada país; porém só é viável e só se torna uma alternativa concreta ao capitalismo, quando a sociedade que não é proprietária do capital, ou melhor, a grande maioria social, tem a percepção e se conscientiza de que é de seu interesse a organização dos meios de produção, os quais serão utilizados para gerar o produto social.

A Economia Solidária surgiu no Brasil entre os anos de 1980 e 1990, no período marcado pelo fechamento de empresas e a demissão de numerosos trabalhadores, nas chamadas décadas perdidas.

Com o tempo, tecnologias são desenvolvidas para aproveitarem as oportunidades que a legislação oferecia ao trabalhador, assim como os sindicatos os representavam, intervindo perante a justiça e promovendo uma associação dos empregados, que mais tarde, daria lugar a uma cooperativa.

A atual crise do trabalho assalariado mostra a incapacidade do capitalismo em harmonizar e equalizar as mercadorias a serem ofertadas e consumidas dentro do quadro competitivo dos mercados.

Há o aumento gradativo dos trabalhos precários sem garantias de direitos, além da crescente massa de desempregados e excluídos.

Em meio a esse cenário, a Economia Solidária surge como uma grande esponja, absorvendo todo esse imenso contingente de excluídos.

A principal expressão da Economia Solidária é a existência dos Mercados Solidários. Estes, enquanto ferramenta da intervenção sócio-econômica representa uma revolução na esfera econômica através das novas relações de produção que estabelece.

Na esfera política, há o fortalecimento dos processos participativos e da democracia; na cultura, devido à socialização e produção de conhecimento, ocorre a difusão de uma nova ética, de uma nova política e de práticas artísticas.

Contraopondo-se aos mercados capitalistas, o mercado solidário defende a colaboração e a solidariedade, o desenvolvimento sustentável, a distribuição geográfica, a geração de empregos, a redução das jornadas de trabalho, o aumento da poupança interna, distribuição da riqueza e livre iniciativa solidária.

Abomina o individualismo e a competitividade, a destruição dos ecossistemas, o crescimento das metrópoles, o desemprego, a exploração do trabalho, a dependência de capitais externos, a concentração de capitais e o predomínio da livre iniciativa privada.

Dessa forma, os movimentos solidários vêm ganhando apoio das empresas através da responsabilidade social, desenvolvendo propostas sociais, com ênfase na não exploração da mão-de-obra e ausência de trabalho infantil.

Os consumidores solidários por sua vez, exigem das empresas essas responsabilidades em seus produtos, e ainda mais, não levam somente os impactos sociais em consideração, mas também os impactos ambientais.

Com isso, as decisões de consumo consciente vêm apresentando aspectos quantitativos e qualitativos. Os primeiros referem-se a quantidade de produtos consumidos, a atitude contrária ao consumismo exacerbado e os segundos aspectos referem-se a qualidade dos produtos, sua procedência e a forma como são produzidos.

Portanto, se o consumidor usa seu poder de compra para priorizar bens e serviços gerados a partir da economia solidária, está contribuindo diretamente para que os modelos econômicos, políticos e sociais sejam repensados e reconstruídos.

Artesanato: forma alternativa de renda para as mulheres

Pelos registros históricos, é possível observar a evolução da mulher no mercado de trabalho. Em um contexto de expansão da economia, ao longo dos anos, com o processo de industrialização e de urbanização, as mulheres passaram a ocupar postos de trabalho. Muitas delas conquistaram sua liberdade, através da revolução feminina, alavancando mudanças no perfil das famílias, onde a mulher ampliou a sua função para além da atividade doméstica, ocupando cargos em diversos setores da economia.

Entretanto, algumas atividades realizadas pelas mulheres ainda não são valorizadas, não possuem reconhecimento perante a sociedade, e ainda não estão inseridas nas estatísticas econômicas. Muitas dessas atividades são feitas aos cuidados de seus lares, pois muitas vezes são praticadas paralelamente as atividades domésticas do cotidiano.

Nesse contexto de crescente participação no mercado de trabalho, é notória a busca realizada pela mulher por fontes alternativas, no intuito de acrescentar a renda familiar, e até mesmo buscar uma forma de sustentabilidade. Portanto, a mulher passa a criar meios de subsidiar produtos que antes ela mesma produzia somente por hobby ou lazer, muitas vezes aquilo que aprenderam com suas mães ou outros familiares.

O artesanato é uma das formas encontradas por essas mulheres que buscam uma fonte de renda alternativa, através do trabalho manual realizado em seus próprios domicílios. Confeccionado sem a divisão do trabalho, o chamado artesão produz do princípio ao fim manualmente, utilizando pedras, cerâmicas, fibras de animais, tecidos, linhas, etc.

Embora que as mulheres encontrem inúmeras facilidades para a fabricação de seus produtos artesanais, inúmeras são as dificuldades que passam existir na prática da comercialização. Nas duas cidades pesquisadas, Guaporema e Sarandi, são evidentes alguns fatores que indiretamente e até mesmo diretamente entram em contrapartida com o trabalho dessas artesãs.

Os produtos são correlacionados com o gosto vigente da população, muitas vezes aquilo que elas acreditam ter uma boa estética nem sempre possui potencialidade para a venda. Outro fator determinante na comercialização é a busca pela matéria prima, a pouca quantidade demandada por estas artesãs geram um custo alto na hora da obtenção, sendo que muitas vezes o seu produto vai adquirir um maior valor do que o do mercado, justamente por este fato, dificultando a venda.

Outro fator decorrente da produção domiciliar é a forma de venderem os seus produtos, elas buscam clientes nos bairros próximos ao seu e muitas vezes perdem a oportunidade de venda em outros locais em decorrência da dificuldade de transporte. E ainda, ao saírem para a venda encontram mulheres com o mesmo perfil e as mesmas características, tentando vender produtos semelhantes, com o mesmo valor agregado e com as mesmas dificuldades.

O empreendimento organizado nos moldes da Economia Solidária, onde é valorizada a participação de cada membro no processo e a ênfase está na pessoa e não na produção, ajudará essas mulheres, com o mesmo perfil, a se unirem e entrarem no mercado de trabalho, amenizando as dificuldades encontradas quando o trabalho era domiciliar.

Portanto, as mulheres formarão uma cooperativa de autogestão, onde os princípios igualdade e democracia estarão presentes na formação de um centro comercial, e cada uma dessas mulheres se tornarão cooperadas, vendendo

seu respectivo produto e tornando mais viável a sua participação no mercado de trabalho.

A Economia Solidária parte do princípio de que o central na organização da sociedade é o ser humano. É essa noção que vai redefinir relações sociais, econômicas, afetivas e produtivas. Portanto, a formação em Economia Solidária precisa dialogar com o trabalho, trazendo para o conteúdo do processo formativo o sentido que é dado pelas vivências e pelos anseios do trabalhador. O conhecimento não é um conteúdo que, despejado no trabalhador, vai imediatamente ganhar sentido e transforma-se em ferramenta para lidar com os problemas que se apresentam. Isso só se torna possível quando o formador em Economia Solidária trabalha o sentido da formação juntamente com o trabalhador. (Auto Gestão e Economia Solidária, Ministério do Trabalho e Emprego, pg.21)

Comparação sócio-econômica de Sarandi e Guaporema

Primeiramente é importante deixar claro que o objetivo dessa análise é demonstrar, a partir de dados extraídos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do IPARDES⁷ (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social) que a atividade artesanal nos municípios de Guaporema e Sarandi apresenta uma contribuição para o desenvolvimento local, além de contribuir para o aumento da qualidade de vida das pessoas envolvidas direta e indiretamente, gerando assim um subterfúgio para essas cidades que não possuem atrativos industriais.

A apresentação dos dados assim é dada:

Tabela 1. Dados socioeconômicos de Guaporema e Sarandi.

	Guaporema	Sarandi
População	2.190	79.686
Produto Interno Bruto (PIB) 2005 (mil reais)	16.282	381.934
Área Territorial (km²)	200	103

⁷ Os dados do IBGE referentes à população são referentes ao ano de 2007, enquanto o PIB e a área territorial são do ano de 2005. Já para os do IPARDES (eleitores, PEA e IDH), tem como ano base 2007.

Eleitores	1.621	52.229
População Economicamente Ativa (PEA)	890	35.180
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,725	0,768
PIB Per capita (mil reais)	7,43	4,80

Fonte: IBGE e

IPARDES

Vale ressaltar que Sarandi é uma cidade que surgiu através de emancipação municipal em relação a Maringá, considerada centro metropolitano de maior influência e poder econômico, terceira maior e mais importante cidade do estado do Paraná. Assim fica melhor perceptível a relação entre o tamanho do município de Sarandi e sua superioridade populacional em relação à Guaporema (cerca de 37 vezes), densidade demográfica (aproximadamente 70 vezes maior) e índice desenvolvimento humano (IDH). O último não leva em conta o PIB do município, portanto é importante relacioná-lo com fatores como a esperança de vida ao nascer, PIB Per capita e taxas de alfabetização e matrícula.

Isso implica numa população economicamente ativa (PEA) maior em Sarandi, que traz benefícios à cidade devido ao grande número de trabalhadores disponíveis, o que não significa que a essa população esteja envolvida com atividades econômicas destinadas ao município, uma vez que Sarandi serve hoje como cidade dormitório, impedindo desta maneira um bom desenvolvimento social e de infra-estrutura urbana.

O município de Guaporema, apesar do PIB e do PEA serem menores, apresenta atividades mais relacionadas para o interior, pois sua população está mais ligada a terra além de possuir uma porcentagem de idoso muito maior que a de jovens, levando a concluir que existe um êxodo municipal ocasionado pela falta de oportunidades. Pode-se observar isto com os dados a seguir:

Tabela 2. População de Guaporema acima dos 15 anos.

Faixas Etárias (anos)	Taxa (%)
------------------------------	-----------------

De 15 a 19	3,1
De 20 a 24	2,2
De 25 a 29	7,1
De 30 a 39	10,0
De 40 a 49	19,0
De 50 e mais	39,0

Fonte: IPARDES

Tabela 3. População de Guaporema matriculadas em instituições de ensino.

Matrículas na Pré-escola	56
Matrículas no Ensino Fundamental	370
Matrículas no Ensino Médio	112
Matrículas no Ensino Superior	-

Fonte: IPARDES/MEC

Tabela 4. População de Sarandi matriculadas em instituições de ensino.

Matriculas no Ensino Fundamental	13.745
Matriculas no Ensino médio	3.120
Matriculas Ensino Superior	690

Fonte: IBGE

Tabela 5. População de Sarandi acima dos 15 anos.

Faixa etária (anos)	Taxa (%)
De 15 a 19	13,74
De 20 a 24	13,28
De 24 a 29	13,04
De 30 a 39	23,30
De 40 a 49	16,45
Acima de 50	20,18

Fonte: IBGE

Segundo os dados apresentados, é relevante que o PIB Per capita de Guaporema seja maior (cerca de 1,8 vezes) que o de Sarandi, explicando assim a incompatibilidade dos dados em termos de seqüência. Outra observação é demonstrada na diferença de jovens matriculados no ensino fundamental e no ensino médio, comprovando assim a fuga de indivíduos para outros municípios.

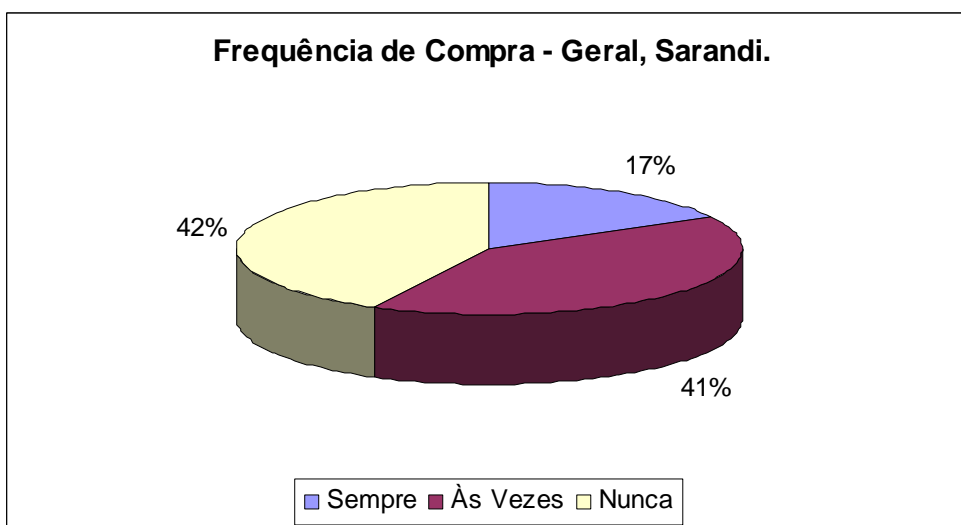
Devido a essas e demais características de ambos os municípios, é necessária maior cautela na abertura de qualquer empresa comercial, sendo ela cooperativa ou não. A necessidade de maior atenção, no desenvolvimento comercial para cidades com as características mostradas acima acontece devido à fragilidade do comércio. Em Sarandi os pontos comerciais são ocultados devido à proximidade com Maringá, e Guaporema por se basear em uma economia de caráter rural e precária em termos de infra-estrutura.

A solução mais adequada para os problemas de abertura de cooperativas comerciais foi a de realização de um Estudo de Mercado para a elaboração de um plano de negócios. O estudo tem como objetivo analisar as condições que os produtores encontraram o mercado no início do trabalho, e quais são os possíveis consumidores para cada tipo de produto, assim gerando maior segurança.

O Estudo de Mercado para empreendimentos solidários fez sua pesquisa “piloto” na cooperativa de artesanato “Mãos que Fazem”, em Sarandi. Foram feitos os seguintes procedimentos: realizadas 250 pesquisas com homens e mulheres acima de vinte anos, separados por sexo, faixa etária e cidade que reside. Depois os entrevistados foram questionados sobre a aceitação dos produtos oferecidos (entre eles enxovais, tapetes, toalhas, bordados de ponto cruz, fuxico, entre outros), e qual a quantia financeira que disponibilizariam para adquirir determinado produto, quais mudanças estéticas fariam e quais das faixas etárias analisadas mantiveram maior aceitação dos produtos artesanais.

De acordo com pesquisas realizadas, foram obtidos os seguintes resultados:

Gráfico 1. Relação dos compradores de produtos artesanais em Sarandi.



Fonte: *Elaboração própria*

Este gráfico mostra a frequência com que consumidores em potencial adquiririam produtos advindos do artesanato. Observa-se que 17% dos entrevistados freqüentemente consomem produtos artesanais, enquanto 41% procuram de vez em quando e 42% dos pesquisados nunca buscam tais produtos. Abaixo são expostos dados que demonstram o gosto dos entrevistados para com os produtos:

Gráfico 2. Relação do gosto em virtude do produto.



Fonte: *Elaboração própria*

Através da compilação dos dados observamos que 52% dos pesquisados vêem necessidade de mudanças na estética dos produtos. Em contrapartida, 48% disseram que comprariam os produtos sem realizar mudança alguma.

Além destes, foram feitos mais de quinze gráficos que detalham corretamente o perfil do consumidor de Sarandi, sendo que esses são apenas exemplos que demonstram a relação entre os produtos e possíveis compradores, mostrando que o mercado artesanal apresenta certo potencial, no entanto é preciso que adaptações sejam feitas e assim o mercado terá tendências de prosperar.

A formação de redes para a comercialização de produtos artesanais na Economia Solidaria

Através da pesquisa realizada nas duas cidades (Sarandi e Guaporema), tornou-se evidente alguns fatores que as cooperativas, depois de formadas, irão encontrar, dificultando o processo de comercialização. As mulheres terão inúmeros fatores para analisar e buscar uma alternativa de sobrevivência no mercado, como mudanças no padrão do produto, inovações no material utilizado e a busca por uma estética atraente, onde o consumidor se sinta atraído pela cooperativa.

Uma solução apontada para os fatores negativos é a formação de redes econômicas solidárias entre as duas cooperativas. As Redes são articulações entre as unidades que, por meio de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente.

Assim, as cooperadas podem se organizar, facilitando a compra de matéria-prima nas duas cooperativas, nas quais passariam a comprar em grandes quantidades, conseguindo preços mais baixos pelos fornecedores.

A formação das redes facilitaria também a interação entre as cooperadas, gerando uma troca de experiências, e assim inovando a produção e aperfeiçoando o produto.

É importante que as integrantes da rede “Guaporema-Sarandi” saibam se valorizar e também valorizar os artesões de diferentes locais, respeitando as diferenças existentes não só entre as cooperadas dos dois empreendimentos, mas também das cidades nas quais elas moram.

Entre todos os aspectos, a formação das redes é também vantajosa pelo fato da existência de múltiplos caminhos, onde a multiplicidade geraria conexões com outras cooperativas do estado do Paraná e até mesmo do Brasil.

A organização da rede econômica solidária parte do princípio que as cooperadas busquem tirar vantagens desse método, procurando através da ajuda mútua a permanência no mercado.

Vemos que a forma mais eficiente de busca por esses instrumentos, sobretudo de gestão e desenvolvimento tecnológico, se dará no intercâmbio de experiências entre as empresas e empreendimentos. Nesse sentido, a rede tem a potencialidade de ser um instrumento bastante importante. A troca de experiências entre as empresas e empreendimentos em diferentes estágios de desenvolvimento, pode ser uma estratégia de grande valia para busca de soluções para muitos problemas. (Auto Gestão e Economia Solidária, Ministério do Trabalho e Emprego, pg.133)

CONCLUSÃO

Com os estudos realizados para este trabalho foi notória a importância que o artesanato tem na vida das mulheres que estão ingressando ou estão para ingressar no mercado de trabalho, atuando como uma forma alternativa de conquistarem um acréscimo na renda domiciliar. As cooperativas de economia solidária fornecem uma oportunidade para estas mulheres se organizarem e formarem um centro comercial para vender os produtos fabricados manualmente por elas mesmas, e através de redes de economia solidária formar junto com outras cooperativas de cidades diferentes um canal de ajuda mútua, através de cursos, compra de matéria prima e até mesmo troca de informações.

Bibliografia

CULTI, Maria Nezilda. **Economia Solidárias Incubadoras Universitárias e Processo Educativo.** Texto publicado na Revista Proposta, Publicação da Fase, Jan/Mar – 2007, ano 31, nº 111.

_____. **Mulheres na Economia Solidária: Desafios Sociais e Políticos.**

Texto apresentado no IV Congresso Europeo CEISAL de Latinoamericanistas realizado de 4 a 7/07/2004 em Bratislava-República Eslovaca.

_____. **SÓCIOS DO SUOR: Cooperativas de Trabalho,** Eduem, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Ministério do Trabalho e do Desemprego. **Autogestão e Economia Solidária,** Fat, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2002.

.